

Escola que deixou de ser especial

Crianças com necessidades especiais estão impedidas de estudar porque área de ensino reservada a elas está em péssimas condições

Marcio Vieira
Da equipe do Correio

Os olhos azuis faiscantes do pequeno Giovanni Silva Cavallieri, de apenas um ano e 11 meses, perderam um pouco do brilho. Portador da síndrome de Down, ele está sem aulas há nove dias porque a Escola Classe 26, onde funcionava a área de educação precoce do Centro de Ensino Especial de Taguatinga, foi interdita por estar condenada.

E não precisa ser engenheiro para avaliar a situação da Escola Classe, localizada na QNJ 3/4, em Taguatinga. Rachaduras onde é possível ver o que está do outro lado da parede, fiação elétrica completamente à mostra, lombos no teto, ratos passeando pelo mato alto e que constantemente entram na escola e urinam nos colchões utilizados pelas crianças, são algumas das irregularidades flagrantes. Há cinco anos as crianças foram transferidas

para a escola devido ao número excessivo de alunos no Centro de Ensino, que fica na QNJ 20, Área Especial 12 e atende 600 crianças.

Cansado da morosidade para resolver o problema de 190 crianças, na conta dos professores ou 132, segundo a diretora do Centro de Ensino Especial, Maria Augusta Cota Preto Pereira, o motorista Heraldo Cavallieri, pai de Giovanni, resolver procurar uma solução. "Convoquei os pais para uma reunião e estou fazendo um abaixo-assinado, que já tem mil assinaturas, para entregar à secretária de Educação (Eurides Brito) pedindo uma providência." As crianças que estudam na área de educação precoce têm idade variando entre zero e três anos e 11 meses.

SEM CONDIÇÕES

A primeira medida tomada pelo Diretor da Regional de Ensino de Taguatinga, Gilmar José da Rocha, ao

tomar posse em janeiro, foi pedir a interdição da escola. "Não tinha a mínima condição de aquelas crianças continuarem as atividades naquele local", enfatiza ele, afirmando ter ficado surpreendido com a condição do espaço. "Dei um prazo à direção do Centro de Ensino Especial (responsável pela mudança das crianças para a escola) para remover aquelas crianças de lá."

É preciso que a solução venha rápido. Mais sensíveis que as crianças dos cursos das escolas regulares, as portadoras de necessidades especiais precisam de atenção regular. Giovanni é um bom exemplo. Esperto, ele come praticamente sozinho — com uma pequena ajuda da mãe —, engatinha pela casa e fica sentado sem precisar do auxílio de ninguém. "Neste tempo em que ele está sem aula, já dá para perceber uma forte regressão", lamenta a mãe, Maria Célia Silva Cavallieri.

Funcionária pública, ela diz ter um horário especial de trabalho para dedicar-se mais tempo a Giovanni. "São crianças que precisam de tratamento especial", resume, sem esconder a emoção. "A situação não se resolve porque nenhum político tem

filho excepcional", acredita.

As professoras da escola demonstram o amor que têm pelo alunos em cada parede pintada, bichinho e colagem. "Elas mesmas fizeram mutirão para comprar tintas e pintar a escola", garante Maria Célia. "Até mesmo a compra e instalação da piscina pequena foi feita com arrecadação entre os pais dos alunos." O pai de Giovanni complementa. "A gente chega lá (na escola) de cabeça baixa e sai revigorado. Elas (as professoras) fazem parte da família."

TRANSFERÊNCIA

O diretor da Regional de Ensino de Taguatinga, Gilmar José da Rocha, é enfático quanto ao cinco anos em que a área de educação especial funcionou na Escola Classe 26. "Não conhecia a realidade da escola naquela época. Posso dizer quais as medidas que tomei agora, como mandar remover as crianças." Segundo Maria Augusta, que estava à frente da direção do Centro de Ensino quando as crianças foram transferidas para a EC 26, a mudança ocorreu porque o centro tinha um número excessivo de alunos. "Foi uma mudança provisória", diz ela, para justificar os

cinco anos em que as crianças ficaram na escola.

Para Heraldo, pai de Giovanni, não há explicação para o fato. "Em cinco anos não foi possível achar um lugar para abrigar estas crianças?", pergunta ele, incrédulo. "Estamos sem nenhuma garantia", endossa Maria Célia.

Uma medida tomada pelo diretor da regional para tentar amenizar o problema foi transferir os alunos do Centro Especial, que não fazem parte da área de educação especial, para o Centro Especial de Samambaia, inaugurado em outubro do ano passado. "A morosidade acontece porque os pais são reticentes em mudar as crianças de escola", destaca a diretora Maria Augusta.

A diretora do Centro Especial de Ensino garante que em 12 dias as crianças da área de estudo especial retornarão às aulas no Centro. Na manhã de ontem, o restante dos móveis da EC 26 foi transportado para o Centro Especial. "Desde março nós começamos a remover os alunos, que não fazem parte da área de estudo especial, para o centro de Samambaia." A comunidade promete fazer a contrapartida regressiva.